

PRIMEIRO ANO DO GOVERNO MONTORO

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 06.03.1984

Foi estimulante e desafiador trabalhar com o Governador Franco Montoro e com a equipe que ele escolheu para auxiliá-lo neste primeiro ano de governo. O clima geral foi de cooperação e de trabalho. Os conflitos internos foram mínimos. As diretrizes do governo definidas durante a campanha e formalizadas na “Proposta Montoro” estavam claras para todos, de forma que o Governador pôde deixar ampla liberdade a cada um de nós para levar adiante o programa de governo.

Entretanto, apesar de todo o trabalho realizado, os índices de aprovação do governo nas pesquisas de opinião pública baixaram sistematicamente até novembro. A partir de então revelaram uma clara recuperação, em função da participação mais ostensiva do governador na campanha pelas eleições diretas.

Esta perda de popularidade é perfeitamente natural em um primeiro ano de governo. E é duplamente natural quando o país vive a maior crise econômica de sua história crise esta que se refletiu dramaticamente sobre as finanças do Estado. Esta crise mais uma desastrosa administração do Estado nos quatro anos anteriores, que levou as empresas estatais a índices de indevidamente e de ineficiência inimagináveis, impediram que qualquer grande obra fosse iniciada.

Mas não foi apenas a impossibilidade de realizar grandes obras que explica aquela perda de popularidade. Houve também um conflito básico entre a grande imprensa formadora de opinião pública e o estilo do governador conflito esse que se traduziu em a imprensa procurar transmitir uma imagem de fraqueza e indecisão em relação ao governador.

A imprensa mais conservadora passou a criticar o governador a partir da idéia de que seria necessária uma política de segurança mais dura, mais repressiva dos movimentos

sociais e da criminalidade. De um modo geral solicitava-se mais firmeza nas decisões do governo, um exercício mais claro da autoridade, menor ênfase em idéias de participação, solidariedade, comunidade, tidas como idealistas ou irrealistas.

É preciso admitir que houve algumas hesitações no começo do governo. Afinal todos estávamos aprendendo a governar. É preciso admitir que à vezes as decisões podem ter demorado um pouco mais do que o desejável devido à busca de consenso do governador. Mas o fato é que as decisões fundamentais foram sempre tomadas.

Mais importante do que isto, entretanto, é observar que essas decisões foram tomadas com rigorosa fidelidade à proposta de governo apresentada nas eleições.

As classes dominantes, acostumadas ao desenvolvimento, às grandes obras e à centralização de decisões, tiveram dificuldades em compreender a linha democrática, descentralizadora, participacionista, anti-tecnocrática do novo governo.

Esta linha não tem nada de revolucionária. Filia-se a um reformismo humanista que não chega a ser social-democrata, podendo talvez ser considerado como democrata cristão progressista.

É compreensível a dificuldade das classes dominantes e da grande imprensa que as representam de compreender essa posição do governador. Este, entretanto, não se deixou influenciar e continuou fiel à sua própria visão do mundo. O conflito era inevitável. As repercussões sobre a popularidade do governo, previsíveis, dada a hegemonia ideológica das classes dominantes.

Trata-se, entretanto, de um bom conflito, de um conflito democrático. Vamos continuá-lo no próximo ano. Caberá ao povo decidir quem tem razão.(06/03)